

# REPORTAGEM

## Museu Imperial

(Reportagem especial para a "Revista do Serviço Público", de RUY BARCELOS)

(CONCLUSÃO)

— "Qual é o horário de visita e corresponde este perfeitamente às necessidades turísticas da cidade?"

"O M.I. abre suas portas aos visitantes às 12 horas e as cerra às 17 horas com exclusão das segundas-feiras, dia destinado à limpeza geral. Esse mesmo horário é observado nos sábados, domingos e dias feriados, quando geralmente a visitação é mais intensa. É esse o horário que tem parecido atender ao maior grupo possível, não obstante haver quem desejaria vê-lo pela manhã, ou depois das 17 horas.

Sendo Petrópolis um centro de turismo é muito difícil satisfazer a todos, pois, para tanto, necessitaríamos de outro turno de funcionários que pudessem revesar com os atuais. Os serventes iniciam as suas atividades às 8 horas da manhã, indo até às 17 horas, com uma hora para o almoço. Contudo, parece-me que o M.I. é atualmente o museu com o horário mais extenso de visitas dentre museus nacionais, bem como dentre sul-americanos em geral."

— "Qual tem sido a visitação do M.I. desde a sua inauguração até a data atual?"

"Em algarismos redondos, desde o dia 16 de março de 1943, dia da inauguração do M.I., coincidindo com a data do 1.º Centenário de Petrópolis, até 30 de abril de 1946, portanto, durante 37 1/2 meses, o total atingiu a cifra de 148.083 pessoas, que poderíamos discriminar, conforme o quadro estatístico do movimento de visitantes, da seguinte maneira, indicando por anos e pela categoria de visitantes, conforme o critério que adotamos aqui:

				Visitas	
	Homens	Mulheres	Crianças	Coletivas	Total
1943 . . . . . (9 1/2 meses)	9.232	10.389	1.322	1.412	22.355
1944 . . . . .	12.808	15.485	2.654	1.890	32.837
1945 . . . . .	22.471	26.443	3.285	2.412	54.611
1946 . . . . . (4 meses)	16.184	19.579	1.897	620	38.280
Totais . . . .	60.695	71.896	9.158	6.334	148.083

O recorde de visitação foi o dia 24 de março do corrente ano em que atingiu o total de 2.410 pessoas, coisa muito expressiva para as proporções da nossa Instituição e para a cidade de Petrópolis.

Nesse total não estão incluídos os vários milhares de pessoas que visitaram o M.I. antes de ele ser franqueado ao público a 16 de março de 1943, bem como nesse mesmo dia da inauguração quando a visitação foi algo desproporcional atraída pela cerimônia, pela curiosidade natural do acontecimento e pela presença do Presidente da República e muitas outras altas autoridades. Além do mais era a data das comemorações do 1.º Centenário da Cidade de Petrópolis e coincidia com o Congresso Eucarístico, razão de a cidade estar repleta de forasteiros."

— "Há algum livro no M.I. em que o visitante possa deixar as suas impressões?"

A esta pergunta o Dr. Sodré fez trazer um belíssimo volume encadernado em couro, com as armas imperiais, em prata, sobre a capa, de folha de rosto bem desenhada e papel com linhas d'água, presente do Sr. Vasco Lima, onde, além dum grande número de nomes ilustres, alguns famosos, tanto nacionais como estrangeiros, anotei os seguintes, cujas palavras transcrevi "ipsis literis":

— "Este Museo Imperial demuestra al viajero, como el Brasil por la obra cultural de los Emperadores pasó de colonia a ser una Gran Nación! Epoca de transición y de progreso, señala en su historia el recuerdo venturoso de una pleyade ilustre de grandes hombres que cimentaron los Estados Unidos del Brasil, hoy bajo la diretiva del eminente Presidente Doctor Getulio Vargas".

Enero 25/19/1942. — E. Ruiz Guinazú, Ministro de Rel's. Exts. de la Rep. Argentina.

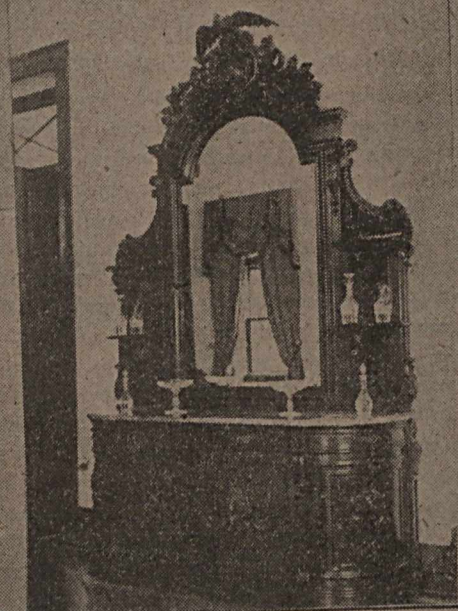
— "Bajo las solemnes arcadas del Palacio Imperial de Petrópolis entendí que la aristocracia, guiada por la justicia de un Imperio que fue, tornó, por la voluntad del pueblo del Brasil, que quita y pone coronas, en una sólida y excelsa democracia que es la aristocracia del Mérito que ostentan los pueblos libres. Dejo aqui enlazados con las humildes letras de mi nombre, el del preclaro del Brasil y el idolatrado de mi patria, Honduras."

25 de Enero, 1942. — Julián R. Cáceres.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

## MUSEU IMPERIAL

## FOTOGRAFIA OU ESQUEMA



Inventário sob n.º 4657 do proc. 12/44.

Categoria Móvel

Data 31 de julho de 1944.

Feito por

esculpidos.

Faz parte de uma mobília de jantar, que pertencem a D. Pedro II, tendo sido vendida no sexto leilão do Paço de S. Cristóvão, realizado a 19 de setembro de 1890. Esta magnífica obra de Leger, foi arrematada por Cr\$ 1.000,00 pelo Sr. Luiz Machado, conforme consta no trabalho publicado no vol. I do ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, da autoria do Sr. F. Marques dos Santos. Figurou no leilão sob o lote n.º 900.

## CARACTERES DESCRITIVOS

Bufete em mogno. Móvel do séc. VII.

Grande e bela peça, com tampo de mármore marrom, apresenta quatro portas, sendo as duas da frente ornamentadas com um rico trabalho de escultura representando, respectivamente, troféus de guerra e de marinha. As laterais, arredondadas, têm no centro uma flor de lis estilizada.

Entre as portas, florões de flores de lis e de folhas de acanto.

É dividido em quatro gavetes, sendo as laterais arredondadas e as da frente, internamente forradas de feltro vermelho, com divisões para faqueiro.

Fuzadores singelos de metal amarelo.

Sustenta o móvel um grande espelho de forma retangular, tendo a parte superior arredondada, e encimado por uma cartela em estilo barroco, onde se vê a sigla P II em letras trabalhadas. Sobre a cartela, a coroa imperial, e acima desta, um dragão de azas espalmadas, cabeça curvada e voltada para a direita. Ladeiam a cartela, ramos de café e fumo, cruzados e entrelaçados com uma fita terminada em borlas.

De cada lado do espelho, há duas prateleiras, sustentadas por motivos em folhas de acanto. Acima destas, uma cornucópia cheia de frutos, magnificamente

Adquirido

Doado pela Viuva Dr. Linu de Paula Machado.

Transferido

Permutado

Depositado

## OBSERVAÇÕES

Valor:- Cr\$ 30.000,00

Conservação:- Boa.

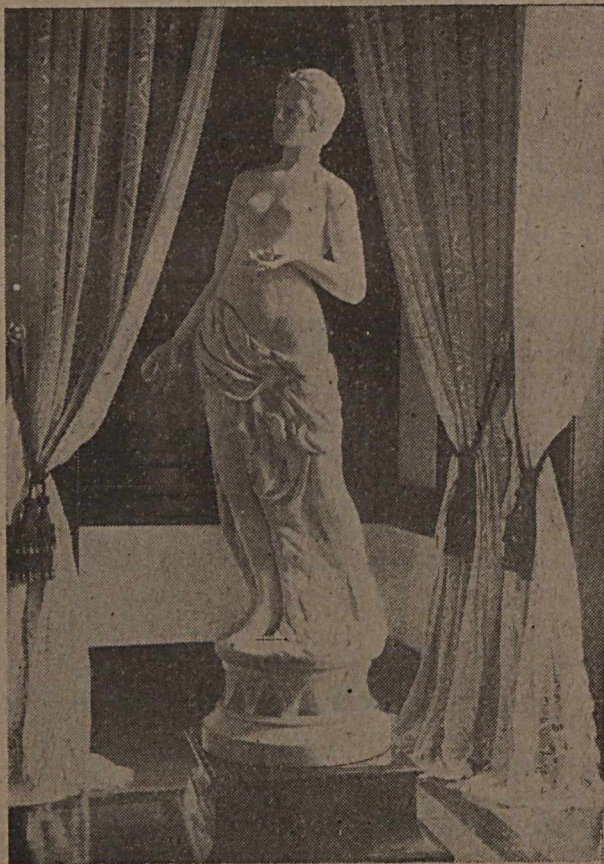
Dimensões: alt.- 3,70 comp.- 2,45 larg.- 0,69

## Bibliografia:

F. Marques dos Santos O LEILÃO DO PAÇO DE S. CRISTÓVÃO  
in Anuário do Museu Imperial, vol. I

Visto

— “El Brasil, como una paradoja histórica, es Metrópole antes que nación independiente; es ensayo de parlamentarismo en América siendo Monarquía, cuando sus hermanas republicanas se debatían en los espasmos sangrientos de su organización. Es milagro en su “democracia coronada” instituida por el Emperador sabio y sereno Dom Pedro II y es milagro también en la ponderación popular, juiciosa y patriótica en sus impulsos que evolucionan de regimen manteniendo la paz, reeditando el capítulo fuerte y trascendente de su independencia, alumbramiento prodigioso en la tranquilidad de la paz. Los muros de esta casa, como los tallos centenarios plantados por las manos creadoras del Emperador, exhalan el aroma virtuoso, el recogimiento lleno de poesia, que nos predispone en el decorado del viejo mobiliario, a sentir los pasos del Gran Monarca, que honró a América con su jerarquía intelectual y moral, encendiendo



“Mimá”, escultura de mármore feita pelo Ministro da França, Conde Arthur de Gobineau, especialmente para D. Pedro II

el culto de la sencillez de las costumbres en plena corte; del ideal republicano en plena monarquía.”

4 febrero/942. — Cesar G. Gutiérrez, Embajador del Uruguay.

— “Quando morreu Pedro II, tanto ao norte, como ao sul do nosso continente latino, disseram: — “morreu o único presidente de República que teve a América.” Foram palavras de Rojas Paul, em Venezuela e de Bartolomé Mitre na Argentina.

Presidente de República, pela democracia... se juntarmos que, soberano, pela decência, hierarquia, magnani-

midade, foi também Imperador de uma monarquia liberal, teremos que Dom Pedro honrou ao governo dos homens... Ora, isso é passado... Está nas páginas da história... Engano. Está vivo, presente, na ressurreição do Museu Imperial de Petrópolis... Que lição e que saudade!”

6 de janeiro de 1943. — Afranio Peixoto.

“O Museu Imperial de Petrópolis é um monumento público, erigido pela justiça da posteridade em honra do príncipe que, meio século, guiou com lucidez e aconselhou com dignidade a Pátria. Nesta casa, rica, sem exagero de luxo, vasta e harmoniosa, ele revive, na simplicidade patriarcal de sua longa existência, na verdade serena do seu extenso reinado. Foi este o único palácio que construiu: parcela natural — e era necessário —, que aqui persistisse a sua nobre memória. Os objetos arrumados com discreta habilidade, as jóias expostas com fino gosto, os quadros que enriquecem as paredes imaculadas, formam o ambiente, dão autenticidade às lembranças que sugerem, informam, agradam a vista, falam ao espírito, e contam... contam profusamente a história daqueles cinquenta anos de administração, de comando, de influência, de tolerância, de tranquilidade. Quem quiser sentir a época, compreendê-la, tactear-lhe a velha realidade, há de fazer esta peregrinação, subir estas escadas, olhar estas relíquias, e reverenciar este nome. D. Pedro II mora em Petrópolis. Está morto na Catedral, no jazigo sóbrio e branco. Está vivo no Museu, na sua mansão feliz e bela. — Só os grandes vivos reconhecem — e amortizam — a sua dívida de gratidão. O Museu é um pagamento.”

20 de janeiro de 1943. — Pedro Calmon.

— “Esta casa dá aos brasileiros a sensação — por tanto tempo obliterada e, no entanto, tão reconfortante — do nosso passado; abre aos seus olhos deslumbrados uma perspectiva magnífica, que fortalece a confiança no futuro da nossa terra.”

15 de fev. 943 — Levi Carneiro.

— “A cinza dos mortos é a raiz das pátrias, que têm nos museus os seus templos. O Museu Imperial, obra do idealismo e da cultura de Alcindo Sodrê, inaugurou o culto do nosso passado, que é a melhor lição, caminho e advertência para as nossas conquistas futuras.”

6-4-43. — Edmundo da Luz Pinto.

— “Recuerdo de una persona errante que fué atrapada y fijada por Brasil... El Museo Imperial de Petrópolis es el símbolo exacto de esta patria que hace cada día su futuro, pero sin volver la espalda a su pasado nobilísimo.

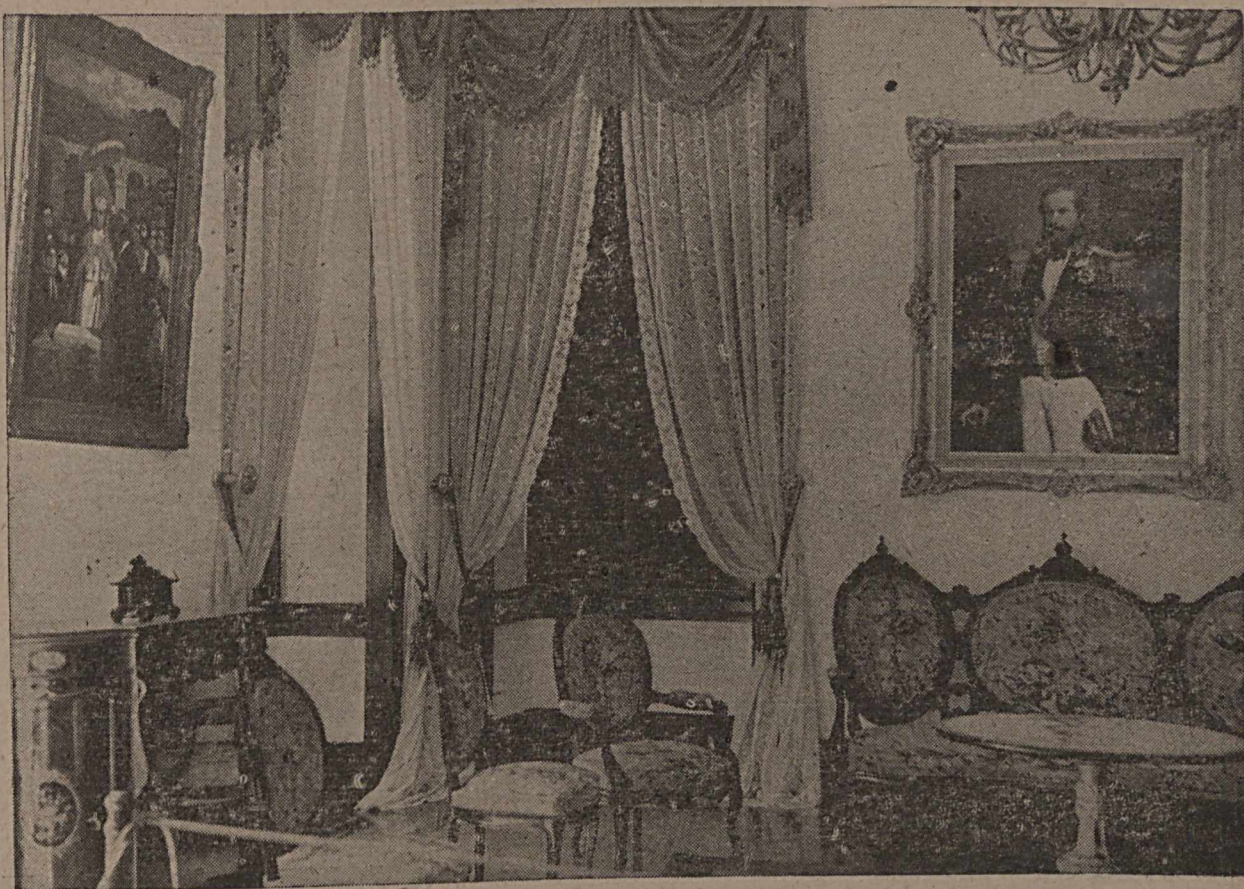
El Presidente Vargas tiene, dentro de su manojó de virtudes la de escoger hombres. A su lucidez le debemos la presencia del Dr. Sodrê en esta casa.”

19-4-43. — Gabriela Mistral.

— “A casa é um templo. E é uma grande honra para o visitante lançar seu nome neste livro.”

16/XI/944. — Gen. V. Benício da Silva.

— “Disse alguém que os museus não eram, afinal, senão depósitos de coisas mortas. Mas sem dúvida tal conceito foi emitido longe destas casas de tradição e da Perpetuidade. Ninguém, aqui dentro, deixará de sentir que tudo isto respira e goza a vida. Cenário e ambiente nos envolvem, transmitindo-nos à alma a alma das imagens que nos rodeiam.



Sala de Recepções da Imperatriz

Sem os muséus, andariam estas relíquias dispersas —, e quantas, realmente, se teriam perdido... Quer dizer: teriam morrido. Em velhas casas abandonadas ou pelos seus moradores incomprensíveis, seria como si desaparecessem do nosso mundo. Os museus as reúnem e relacionam, num convívio que deverá ser eterno. Não os atinge o destino dos recintos, ao abrigo da lei do tempo e dos caprichos do acaso.

Lustros e decênios passam lá fóra, respeitando o que as paredes dum museu sagradamente enterram. Aqui, o Passado continua.

Tôdas estas figuras, num meio adequado e único, perduram, vibram, ressuscitadas, com os seus júbilos e as suas máguas, os seus amores e os seus heroísmos, os seus sacrifícios, a sua glória — talvez as suas misérias também, mas, em tal atmosfera, elas se aformoseiam e enobrecem, como tudo se renova, perenemente. Depósitos da Morte, não; repositórios da Vida!

Eis o que pensei e senti, percorrendo este já tão rico, solene, sugestivo Museu Imperial."

23.X.44. — *João Luso.*

— "Neste Museu esperavam-me duas emoções: aquela que o passado histórico do Brasil desperta sempre em Portugueses, e a do presente Brasil que dispõe já da cultura e de homens como o atual Diretor do Museu Imperial de Petrópolis, seu organizador, que realizou magistralmente, em

lapso de tempo inverosimilmente breve, um dos museus do mundo que mais me tem impressionado."

1 Dezembro 1944. — *Joaquim Leitão.* Secretário Perpetuo da Academia das Ciências de Lisboa e Antigo Inspector das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais de Lisboa.

— "Brasil, que fué felis en la solución de su Independencia, puede mostrar con orgullo lo que es patrimonio de una época que propició la libertad sin sangre y la vida de un pueb'o que desaba ser libre como es grande."

Enero 9/45. — *General F. Batista.*

— "Rather colleague than Ambassador of the United States."

4 February, 1945. — *Adolf A. Berle Jr.*

— "Em visita de profano, que ficou maravilhado."

1945. Abril — 7. — *Gago Coutinho.*

— "Levo deste museu uma impressão tão forte e tão grata, que não me é possível, aqui, revelar. E' uma página do Passado que revive, novamente, e uma obra que revela o amor, o carinho e o respeito dos homens de hoje pelos seus ilustres e dignos antepassados."

10.5.45. — *Alvaro Pereira.*

— "João Neves da Fontoura, com o testemunho de sua comovida admiração patriótica por esta grande obra de restauração artística do período imperial, trecho cheio de glória da vida do Brasil".

17 Fev. 1946.

— “Levo, de visita a êste Museu, uma impressão imprecívél.”

Em 6.4.946. — *Raul Pila.*

— “A visita a êste Museu duplamente ensina: — ensina a estimar relíquias e a honrar uma administração modelar”.

7.4.46 — *Bittencourt de Sá.*

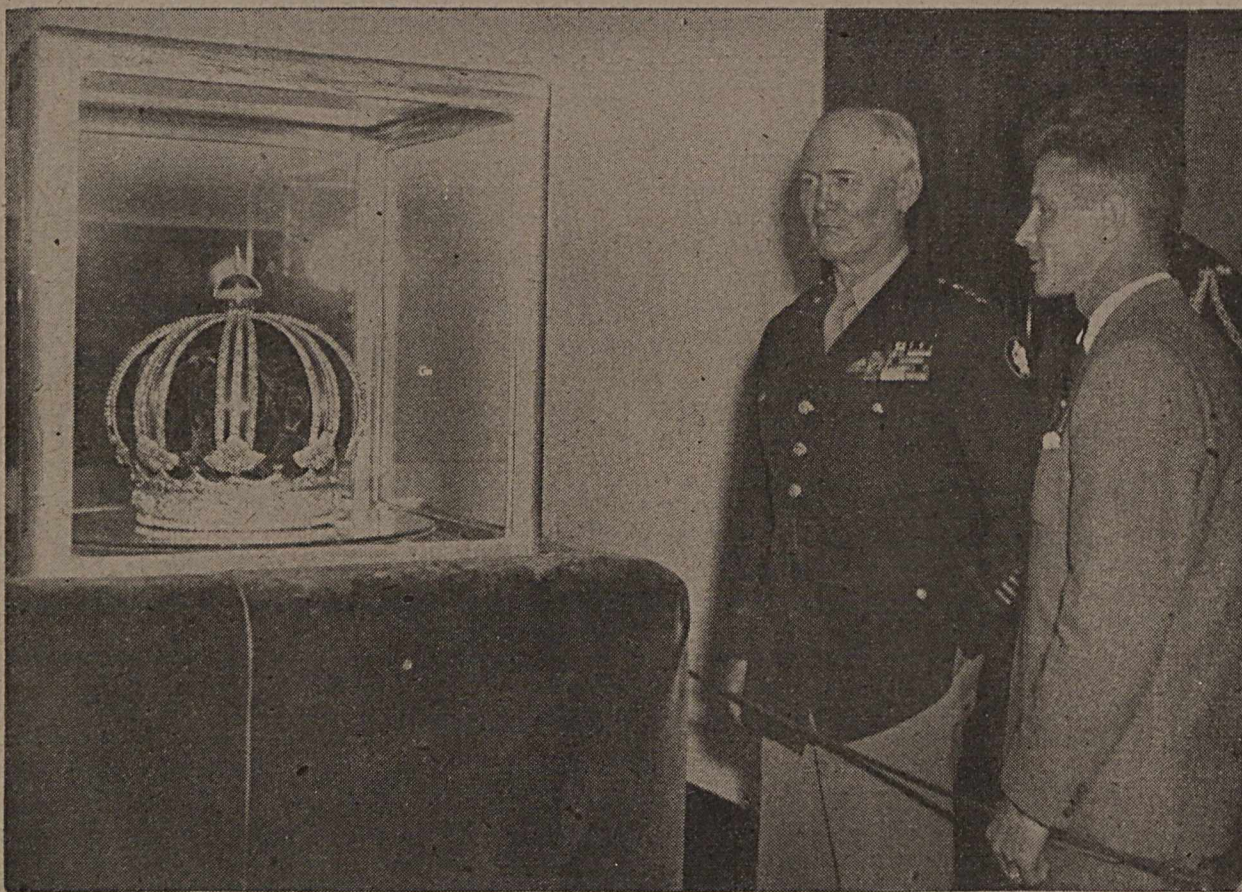
Além destas impressões encontrei uma série de nomes assinados por visitantes ilustres o que bem atesta que o M.I. tem realmente sido procurado por elementos expressivos, não só no campo da cultura, mas também da diplomacia, de militares, e até dos Chefes de Estado, tais como os Presidentes Morínigo e Peñaranda, do Paraguai e Bolívia, respectivamente, únicos em visita ao Brasil durante a existência do M.I.

— “Com quantos funcionários conta o M.I. atualmente? De que categorias são êles? São em número suficiente? Falam outros idiomas? Há funcionários de uma categoria ocupados em outros misteres?”

“Presentemente o M.I. conta com 60 funcionários, entre efetivos, interinos, extranumerários e contratados, assim distribuídos por suas categorias:

- 1 diretor
- 4 conservadores (há mais um lotado aqui mas está servindo no Departamento Nacional de Informações)
- 2 escriturários
- 2 dactilógrafos
- 11 zeladores
- 1 chefe de portaria
- 1 pesquisador especializado
- 1 fotógrafo
- 1 marceneiro-restaurador
- 8 guardas
- 1 servente
- 5 serviçais
- 15 trabalhadores
- 7 jardineiros.

Apenas um dos zeladores está preenchendo a vaga de Armazenista porque nos diversos (seis ou



Visita do General Willis D. Crittenger ao Museu Imperial em 11 de maio de 1946, vendo-se em sua companhia o secretário do Museu, Sr. Alfredo Teodoro Rusins. junto à coroa de D. Pedro II.



*Tabaqueira de ouro com desenhos em esmaltes coloridos. Coleção de joias do Museu Imperial*

sete) concursos realizados para esta função, nenhum dos candidatos conseguiu classificar-se.

Quanto a falarem idiomas estrangeiros, temos, entre o diretor, conservadores e zeladores quem fale francês, inglês, castelhano, alemão e letão.

Geralmente os nossos visitantes estrangeiros falam qualquer dos três primeiros, podendo, assim, facilitar-lhes a perfeita compreensão e conhecimento do que seja o M.I.

Passamos em seguida a percorrer o Museu e suas dependências.

O edifício se compõe de um corpo central com andar térreo e sobrado, tendo duas longas alas laterais de um só andar.

Na planta baixa da parte central estão localizados, na frente: Saguão de entrada, Salão dos Embaixadores, à direita de quem entra no edifício, e à esquerda a Sala de Recepções da Imperatriz; na parte central em peças sem janela, ficam: — à esquerda, a Portaria e uma das salas da Biblioteca; à direita, dando frente para o corredor que atravessa a ala direita ainda de quem entra, a Sala das Coroas; nos fundos do Saguão, ao meio, uma bela porta, ampla e em cancela, dá para o corredor que leva à parte posterior onde, à direita,

estão localizados o Gabinete do Diretor e a Antesala do Gabinete, bem como, a meio do corredor, os toilettes; e à esquerda, a Sala de Leituras da Biblioteca e uma das Salas desta.

A ala direita, já toda instalada, compreende as seguintes salas, seguindo-se pelo corredor, à direita: — Sala dos Cristais Imperiais, Sala de Jantar do Imperador, Sala de Porcelanas Imperiais e dos Titulares, Sala de Porcelanas e Cristais Brazoados; à esquerda: — Sala de Prataria Brasileira, Sala do 1.º Reinado, Gabinete de Trabalho do Príncipe Pedro Augusto, Sala D. João VI e, fechando o corredor, em toda a largura do edifício, o Salão de Conferências do Museu Imperial, antigo Salão de Música e Baile. Na ala oposta, já está inaugurado o Salão dos Indumentos, correspondendo ao Salão de Conferências, e à esquerda, para quem sai do Saguão de Entrada, já está pronto o Salão Dourado que aguarda a visita de S. Excia. o Presidente da República para ser inaugurado.

Em frente a este, além da terceira sala ocupada pela Biblioteca, será instalado o Salão do Senado do Império que ainda não pôde ser arrumado por estarem os seus móveis provisoriamente na Sala do Trono, enquanto não seja entregue ao Museu o

já prometido mobiliário próprio daquele Salão, oferecido pela Família do Conde Modesto Leal. Provisoriamente, nesta sala, trabalham os conservadores. Junto a êste, em outra sala, está localizada a Secretaria e, ao lado desta, o toilette de senhoras.

Há outras duas salas ainda vazias que aguardam o destino que lhes será dado futuramente.

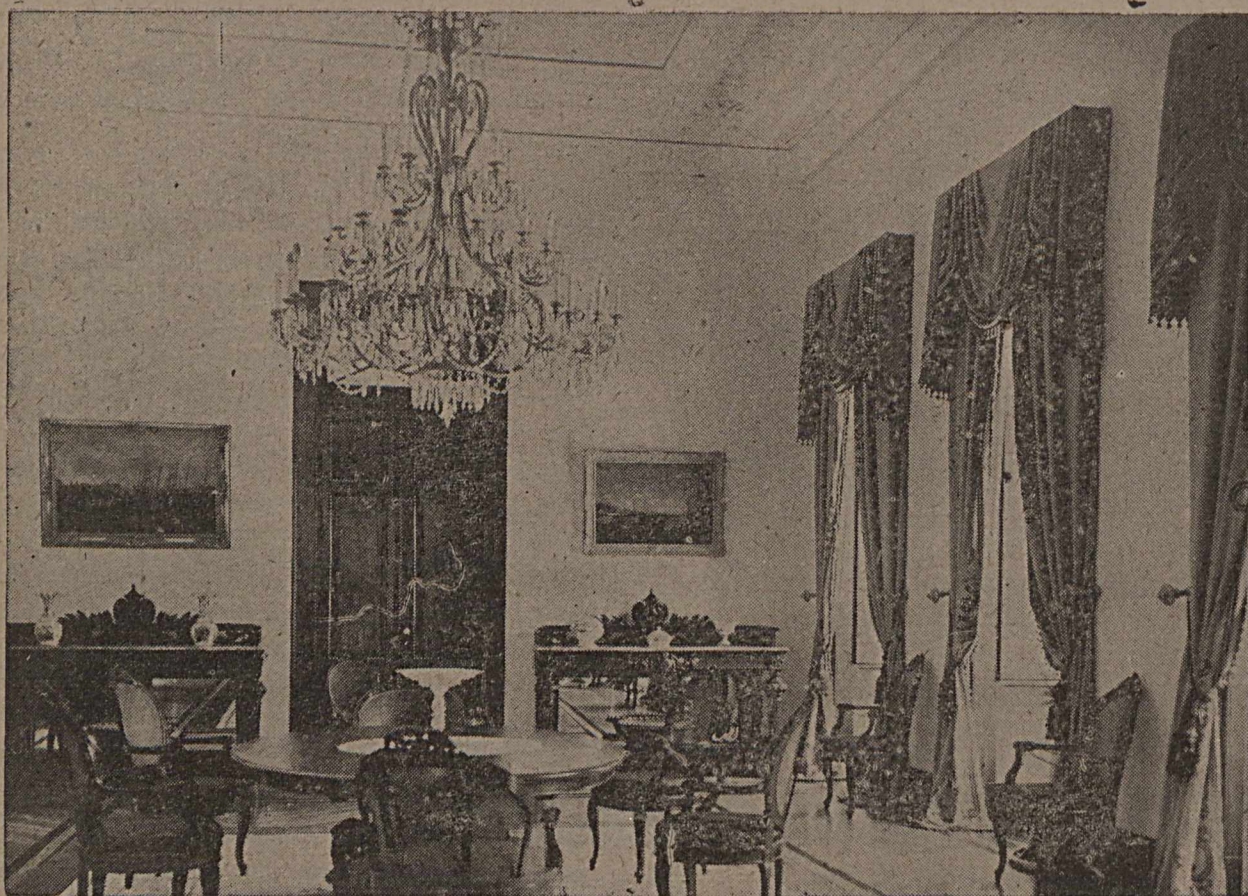
Ainda existe uma alcova desocupada entre a Sala das Coroas e o Gabinete do Diretor para onde possivelmente será transferido o Manto Imperial que deve ser abrigado da luz forte, a fim de melhor preservá-lo à ação do tempo. Depende, porém, de vitrina especial e de outros arranjos que, no momento, excedem as possibilidades financeiras do orçamento do Museu.

À esquerda do Saguão, uma ampla escada conduz ao sobrado. Nêste já estão prontas as seguintes salas: — Sala do Bêrço, Quarto de dormir da Princesa Isabel, Quarto de Costura, Capela, Quarto de dormir do Imperador e Imperatriz, Sala do Trono e Gabinete de trabalho do Imperador, precedido

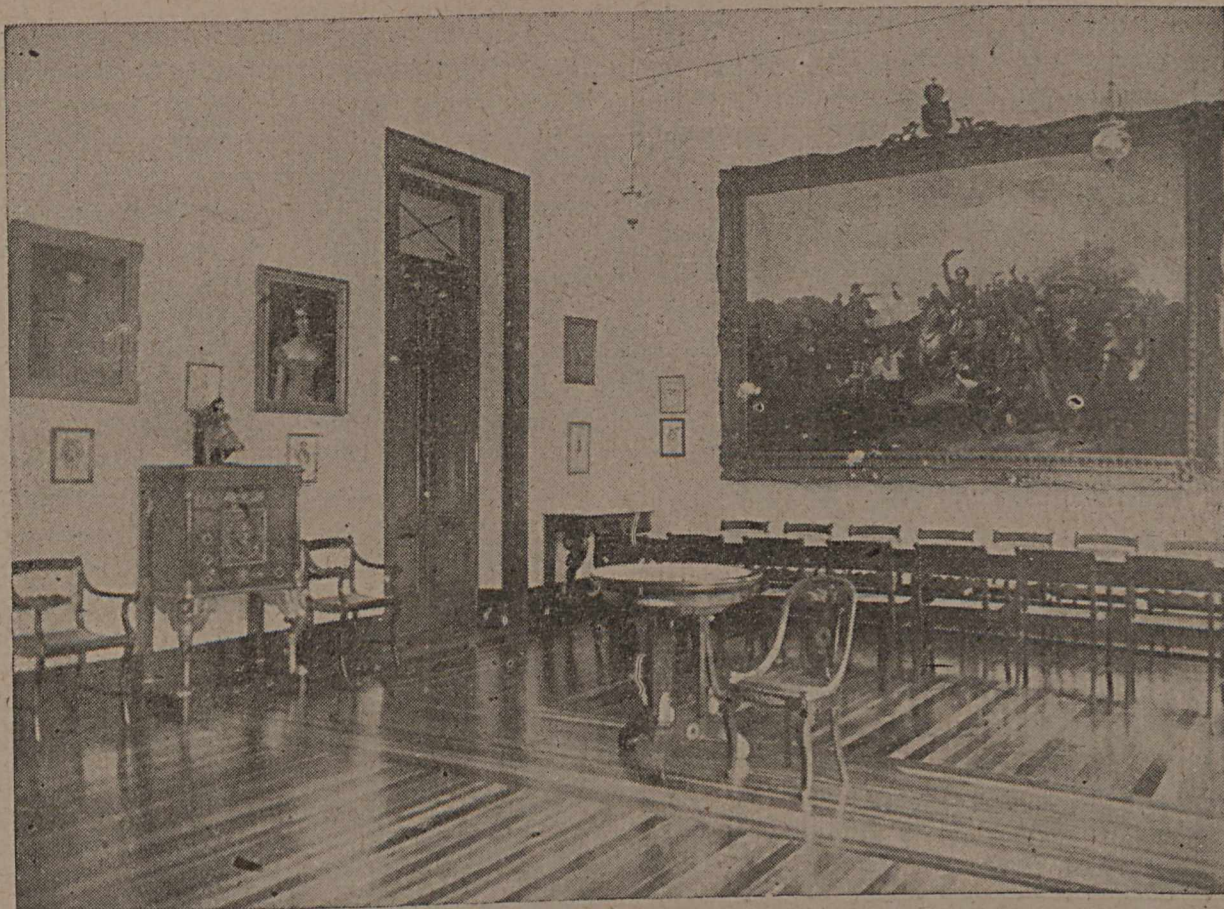
por uma pequena ante-sala. Estão ainda vazios um salão, um quarto e duas alcovas por faltarem alguns detalhes para completar a sua instalação.

Com esta orientação fomos percorrer tôdas estas dependências, principiando pela Biblioteca. Esta compreende 3 salas onde, em estantes e arquivos especiais para mapas, documentos e estampas, tudo em aço, se encontram presentemente mais de 7.000 volumes especialmente relacionados sôbre assuntos históricos brasileiros e da América em geral, e de livros técnicos para os conservadores. São notáveis os 81 volumes manuscritos, em grande formato, dos Livros da Mordomia da Casa Imperial desde 1834-1889. A coleção de cartas e outros documentos também é notável, especialmente levando em conta o curto período de tempo da existência do Museu e a avidês como geralmente êsses documentos são conservados pelos seus donos.

A Sala de Leituras é inspiradora à meditação e ao estudo. Uma ampla mesa retangular para os consulentes, do 1.º Conselho Municipal de Petrópolis; a mesa de trabalho do encarregado da Bi-



*Sala de jantar do Imperador*



Sala do 1.º Reinado, no Museu Imperial

biblioteca, Sr. Lourenço Luiz Lacombe; duas estantes-armários com livros do Visconde de Cabo Frio, e duas cadeiras, respectivamente da Escola de Medicina e Politécnica, nas quais o Imperador assistia aos exames dos alunos e aos concursos para professores daquelas instituições.

Nas paredes, algumas litografias, uma grande planta do Parque Imperial, projetada pelo paisagista francês Gilaziou, em 1843, em parte já executada, e sob um belo retrato ampliado de D. Pedro II a cópia fotográfica do original que se encontra na Casa Rui Barbosa, manuscrito do Imperador na sua despedida quando banido do Brasil: — “A vista da representação que me foi entregue hoje às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias /partir com toda a minha família para Europa amanhã, / deixando esta Patria de nós estremecida, á qual me esforcei / por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quasi meio século, em que desempenhei o / cargo de Chefe de Estado. Ausentando me, pois, eu com / todas as pessoas de minha

familia conservarei do Brazil / a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por / sua grandeza e prosperidade. / Rio - de 1 Janeiro 16 de / 9bro de 1889/

*D. Pedro d'Alcantara.”*

A Biblioteca está organizando um ótimo Fichário Bio-Bibliográfico de personagens que interessam à História do Brasil.

Ao passar pelo corredor que conduz ao Saguão, em cujas paredes há várias litografias da época, não pude resistir à tentação de dar uma “olhadela” aos toilets masculinos e fiquei admirado com o asseio esmerado. As toalhas estavam tôdas muito limpas; havia sabonete, cabides para capas e para a roupa dos serventes quando a substituem pelo uniforme durante as horas de atender ao público. Vi também macacões azuis que são usados pela manhã durante as horas de limpeza.

*Saguão* — Vê-se, por sobre as portas, apliques de bronze dourado com a sigla P. II. No centro do Saguão, um bronze representando o Imperador

em traje magestático, fundido em Ponta da Areia que era de propriedade do Barão de Mauá. A um lado, fica um grande relógio que fôra dêste palácio e donde jamais saiu. Do outro, sôbre um rico consolo de talha dourada e tampo de mármore, do mobiliário do Salão de Honra do Senado do Império, está um livro de mármore branco sôbre o qual estão gravados vários nomes dos Beneméritos do Museu Imperial. Há um bom espaço em claro aguardando receber outros nomes futuramente!...

Duas colunas dóricas servem de sustento ao sobrado, dando ao mesmo tempo um certo ar de imponência ao Saguão.

Nas paredes ainda se vêem, dum lado, a Bandeira do Brasil Império, e do outro, em ferro pintado, as Armas Imperiais.

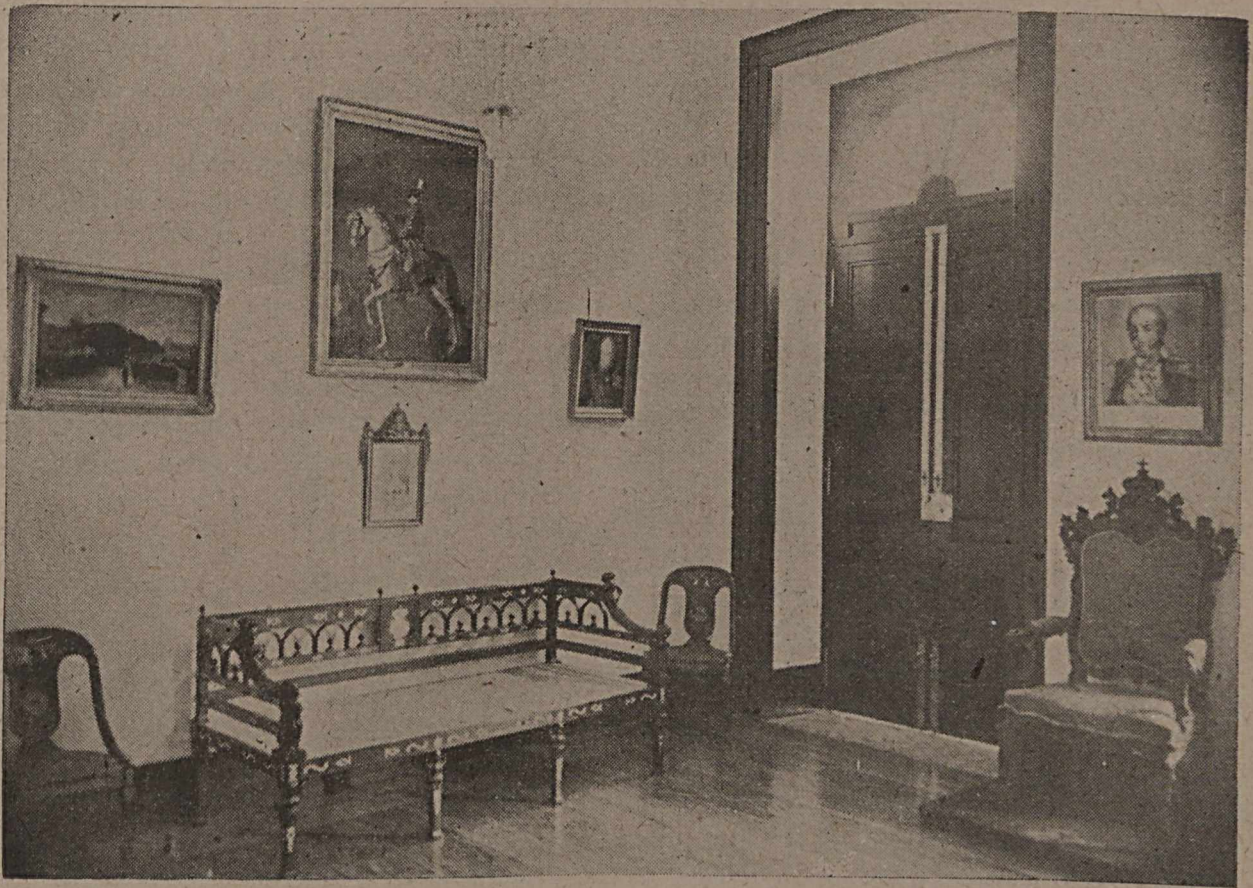
*Salão dos Embaixadores* — Belos móveis em jacarandá com os dragões bragantinos sôbre o espaldar encimados pela coroa imperial e com excelente estofa Aubusson, grande tapete Aubusson dois belos Gobelinos com motivos nacionais sôbre consolos império. Êste mobiliário, como a maior

parte dos demais que foram de uso da Família Imperial, pertenceram ao Paço de São Cristóvão, onde foram vendidos em vários leilões que tiveram lugar entre 8 de agosto e 13 de novembro de 1890. A um lado está o piano da Imperatriz D.<sup>a</sup> Leopoldina e a um dos lados a famosa "Mimá", estátua de mármore esculpida pelo Ministro de França na Côrte de D. Pedro II Conde Arthur de Gobineau, especialmente feita para oferecer ao Imperador. Nas paredes, estão os retratos a óleo dos membros da Casa de Bragança, a partir de D. João VI: D. João VI, por Joaquim Leonardo da Rocha; D. Pedro I, por Manoel Araújo Porto Alegre; D. Pedro II, por François René Moreaux (êste se achava no Palácio do Governo da Província de São Paulo onde fôra cortado a sabre pelos republicanos exaltados; já está restaurado); Princesa Isabel, por Miguel Novarro y Cañizares; e D.<sup>a</sup> Maria II, Rainha de Portugal, filha de D. Pedro I e D.<sup>a</sup> Leopoldina, nascida no Rio de Janeiro em 1819.

No centro do salão está u'a mesa redonda com tampo de mármore e um rico candelabro, e a um canto uma outra, também redonda, de pedra preta.



*Gabinete do Príncipe D. Pedro Augusto, no Museu Imperial*



*Sala D. João VI, no Museu Imperial*

tendo no tampo as armas imperiais incrustadas em pedrinhas de côr.

**Sala da Imperatriz** — Belo grupo de jacarandá com a inicial T encimada pela coroa imperial, de finíssimo estofa Aubusson. Tapete Aubusson ao centro onde está u'a mesinha, (presente do Vaticano à Imperatriz), com belíssimo tampo de pedra, tôda trabalhada com minúsculos mosaicos coloridos, representando ao centro o Vaticano e cercado com vistas de Roma antiga.

Dois consolos com espelhos do mobiliário que guarneceu os aposentos de D<sup>a</sup> Teresa Cristina a bordo da fragata "Constituição" quando fôra buscá-la em Nápoles. Um dunquerque da mobília dêste palácio. Candieiros em metal e esmalte, e duas jarras pequenas em porcelana, com os retratos dos imperadores quando moços. Nas paredes vê-se D. Pedro II em traje de almirante, por Poluceno Pereira da Silva Manoel, o Lançamento da pedra fundamental da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, vendo-se o Imperador D. Pedro II em traje civil e o 9.<sup>o</sup> Bispo do Rio, 1.<sup>o</sup> Conde de Irajá, óleo

de Bauch, 1862, e os retratos do Imperador e Imperatriz feitos por Franco de Sá em Paris, 1887.

**Sala das Coroas** — O chão forrado, tendo ao fundo um pesado reposteiro amarelo. Ao centro ergue-se o cofre mostruário da corôa de D. Pedro II, que funciona de forma bastante engenhosa. Corre, primeiro, uma cortina de aço que lhe cobre a superfície, depois vai surgindo a caixa de vidro que se eleva vagarosamente e por fim, atingida a superfície do cofre, acende-se uma luz indireta por baixo dum disco de vidro fosco que gira lentamente e sôbre o qual está esta jóia maravilhosa, ao mesmo tempo tesouro e símbolo de um regime. É tôda em ouro trabalhado, com oito gomos, encimada por um esfera e esta por uma cruz, tendo por dentro o fôrro autêntico de veludo verde. Ela tôda é recoberta com 640 brilhantes brasileiros de lapidação da época e tem na base um colar de 100 pérolas, pesando 1.856 gramas. Dentro da esfera existe um bilhete, colado na parte superior, no qual se lê: — Esta coroa foi feita em / Caza de Carlos Marin & Cia. / ourives da Caza Imperial. / Rua do Ouvidor 139 — em o / mez de Julho de 1841."

Essa peça fôra adquirida pelo Governo Federal dos descendentes dos nossos imperantes ao preço da avaliação feita na época, 1934, de Cr\$ ..... 1.349.500,00. Consta que na mesma ocasião houve uma oferta de certo milionário norte-americano, colecionar de corôas, de Cr\$ 8.000.000,00. A avaliação do Museu Imperial, em data de 25 de outubro de 1943, foi em Cr\$ 6.000.000,00.

À esquerda desta sala está outro cofre-mostruário, de cerca de dois metros de altura com pouco menos de metro e meio de largura. Este se abre à vista do observador, emergindo de dentro da parede, no sentido da esquerda para a direita, por detrás de uma proteção de concreto e aço. A sua iluminação também é indireta, vinda de cima e lateralmente.

No centro, ao alto, está a coroa de D. Pedro I, só em ouro, tendo um peso total de 2.689 gramas. É mais alta que a anterior, com oito gomos, terminada numa esfera armilar encimada por uma cruz, e está despojada das pedras que, segundo nota

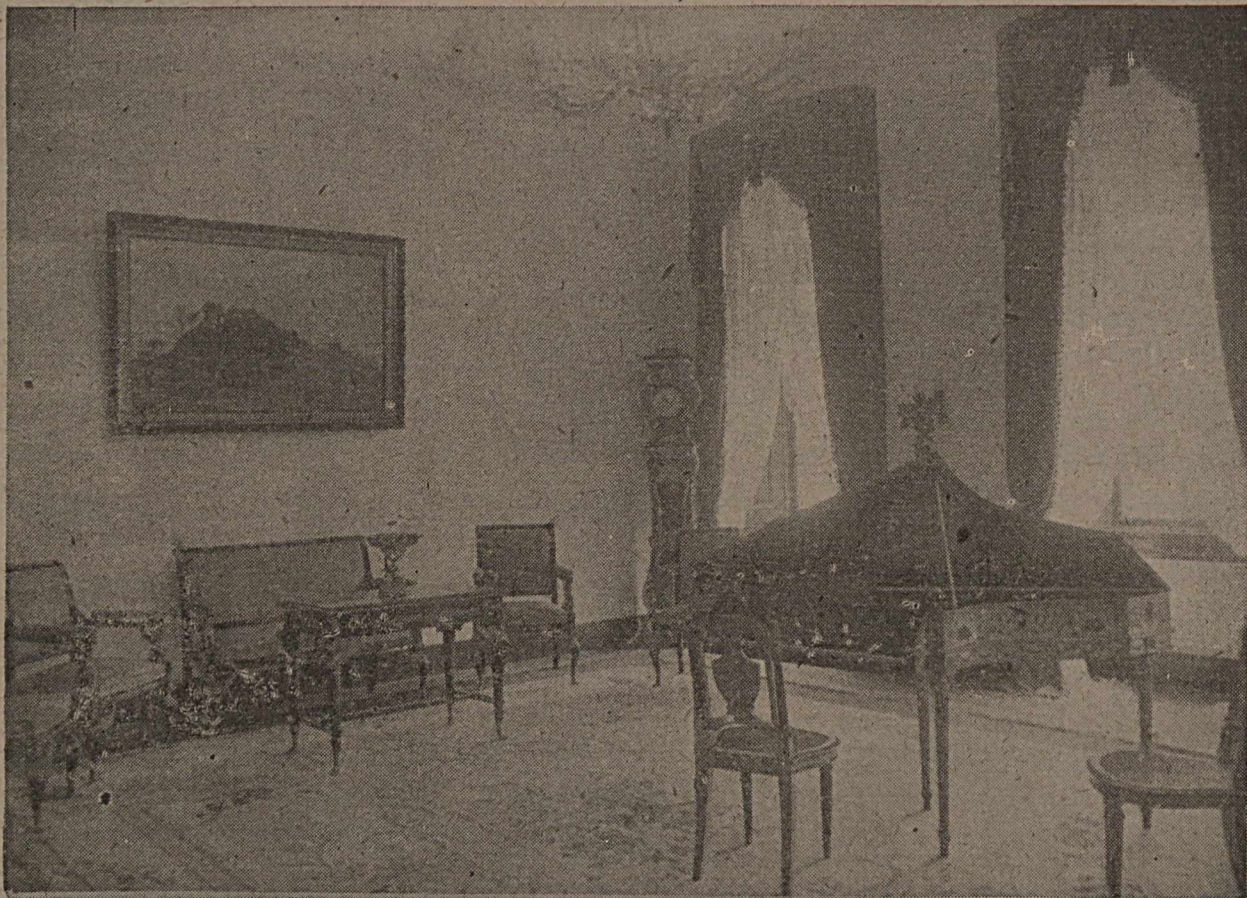
do Livro da Mordomia, foram utilizadas na confecção da de D. Pedro II.

Logo abaixo está o livro contendo as assinaturas de muitos cidadãos de Pôrto, Portugal, trabalhado em ouro e pérolas, congratulando-se aqueles com D. Pedro II pelo feliz término da Guerra contra o Paraguai em 1870. E, mais abaixo, um punhal, com cabo de ébano e bainha de ouro, sobre a qual está gravada a sigla P. II.

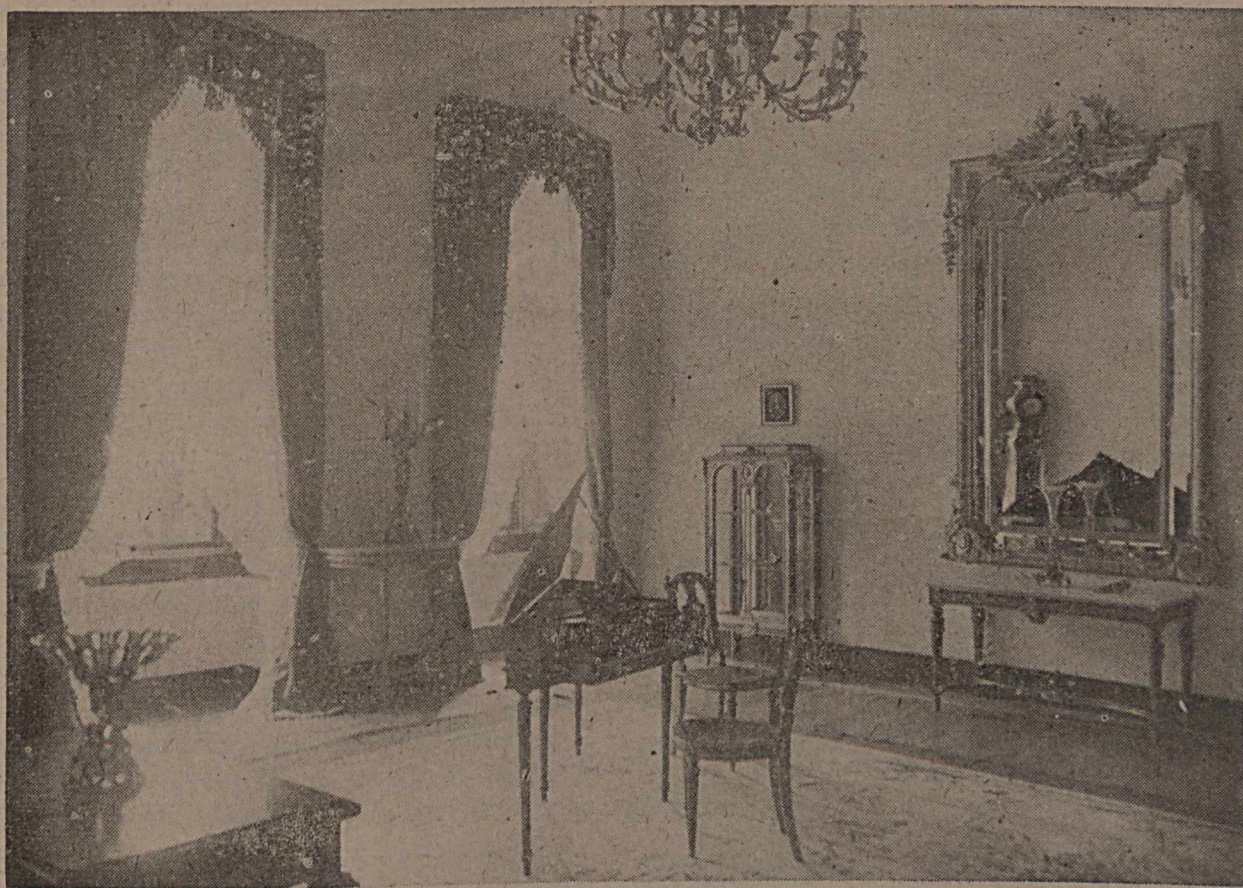
Do lado direito, está o cetro grande, tendo a sua haste dividida ao meio, na rosca primitiva, para melhor visibilidade de ambas as extremidades. Na parte superior apresenta o dragão simbólico, com brilhantes no lugar dos olhos, todo em ouro, e pesando 2.510 gramas.

À esquerda, ao lado da corôa, um espadim de Côte com punho trabalhado em filigrana de ouro tendo na extremidade um brilhante.

Ao lado dêste está o cetro pequeno, desmontável, de haste de marfim e o dragão simbólico em bronze dourado.



*Um aspecto da Sala Dourada do Museu Imperial*



Outro aspecto da Sala dourada, no Museu Imperial

Na parede fronteira a êste cofre está um outro em tôda a extensão da largura da parede, um metro acima do chão, cerrado por uma cortina de aço que desce para dentro da parede, contendo diversas jóias usadas no período imperial, além de peças que pertenceram a vários membros da Família Imperial. Entre estas notam-se as seguintes que mais chamam a atenção: — um colar e brincos em filigrana de ouro, em fórmula de pequenas esferas, circundadas por uma faixa de esmalte contendo o nome de uma das Províncias, pertencente à 1.<sup>a</sup> Imperatriz do Brasil, D.<sup>a</sup> Leopoldina; um porta-toalhas em prata de D. Pedro II; par de brincos de grandes pérolas em fórmula de pera, com pequeno brilhante, usado pela 3.<sup>a</sup> Imperatriz do Brasil, D.<sup>a</sup> Teresa Cristina, por ocasião de seu casamento com D. Pedro II, e um pequeno broche contendo um pintura de trecho da Quinta Imperial da Bôa Vista, cercado de pérolas, também daquela mesma Imperatriz.

Destaca-se uma belíssima tabaqueira de ouro, tôda trabalhada em esmalte de côr, tendo sôbre a tampa o retrato de D. Pedro II quando moço, e,

aos lados, alegorias da América e do Império do Brasil.

Nesta vitrina, ainda sobressae o maravilhoso colar da Marquesa de Santos, em grandes ametistas e filigrana de ouro, tendo ao centro, sôbre a maior das pedras um camafeu com o retrato de D. Pedro I.

Caixas de rapé em ouro, relógios de ouro com o retrato de D. Pedro II e as armas imperiais, pulseiras, anéis, brincos, etc. completam êste bellissimo e precioso conjunto.

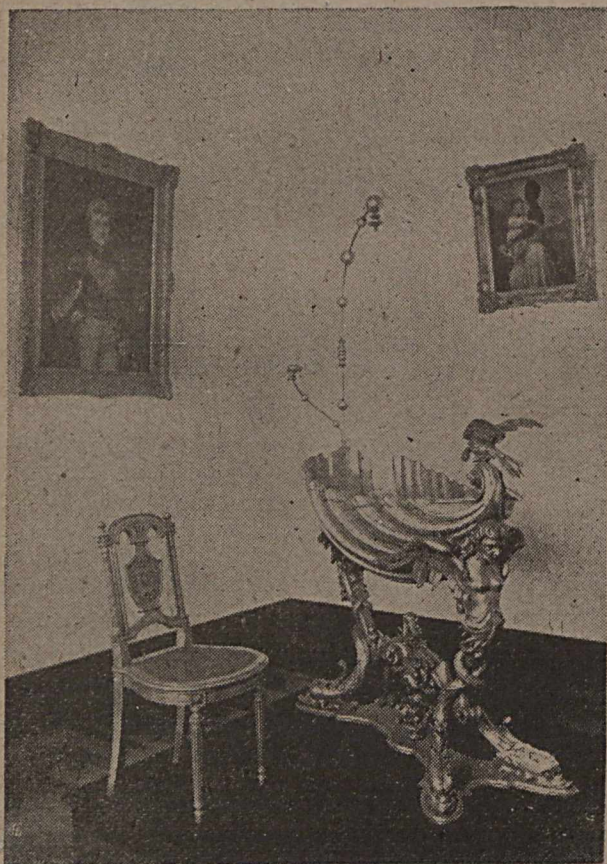
*Sala da Prataria Brasileira* — Duas vitrinas pretas, com prateleiras de cristal, destacam de uma fórmula agradável e sugestiva a coleção de peças executadas no Brasil, por prateiros nossos.

Há um pouco de tudo aí. Castiçais, pencas, talheres, salvas, estojos, esporas, punhais, fivelas, crucifixos, tinteiros, resplendores, cálices, corôas de imagens, placas com a inscrição INRI, espevitadeiras, bandeijas, paliteiros, conchas, pertences de arreios, estribos, cuias e bombas para chimarrão, copos, charuteiras e placas várias.

Na parede, entre duas gravuras representando D. Pedro II e D.<sup>a</sup> Teresa Cristina, está um grande escudo com a sigla P. II que sofrera duas alterações, tendo primitivamente as armas reais portuguesas, depois rebatidas e substituídas por P.I. e mais tarde pela de P.II. Por baixo dêste, sôbre um consolo, vêm-se o gomil e bacia que pertenceram a D. Pedro I para enfeitar-se.

O que nesta sala falta em quantidade está plenamente realizado em qualidade.

Deve-se levar em conta que as pratas brasileiras raramente aparecem à venda pela estimação que merecem de parte dos colecionadores, e além



*Sala do Berço do Museu Imperial*

disso os seus preços são quase proibitivos, principalmente para um museu que ainda carece de muitos objetos e cuja verba de aquisições está bastante limitada.

**Salão dos Cristais Imperiais** — Em frente à sala anterior, do mesmo tamanho daquela, está outra, que contém uma das coleções raríssimas hoje em dia. Poucas pessoas apenas possuem ainda algumas peças de cristal Imperial. E nos surpreende o grande número de peças que possui o Museu Imperial.

Na maior parte são de Baccarat. Todas levam o brasão imperial. Há brancos, encarnados, amarelos, copo verde e pé encarnado. Copos, cálices de tamanhos diversos, taças, fluts, compoteiras, fruteiras, garrafas, lavandas, pratinhos. Cêrca de 160 peças ao todo.

**Sala de Jantar do Imperador** — Teto com belo trabalho de estuque branco representando frutos nacionais. Tapete Aubusson e um bellissimo lustre de metal amarelo com pingentes de cristal e bobeches de cristal de diferentes côres que pertenceram ao Marquês de Abrantes.

Os móveis compõem-se de um grande bufete e dois aparadores, todos com tampos de mármore, uma bela mesa em forma elítica, diversas poltronas e cadeiras com assento e encosto de palhinha. Em mogno, fabricados por F. Leger, tendo a sigla P. II. e dragão, trabalho de Jeanselme, Père & Fils. Sôbre o bufete destacam-se algumas peças de cristal imperial; em cima da mesa uma grande fruteira dá-lhe o efeito vivo de atualidade, como ainda as porcelanas da Câmara Municipal da Côrte e da Imperatriz D.<sup>a</sup> Leopoldina sôbre os aparadores.

Na parede, dois belos óleos do Rio antigo, um representando o desembarque na Praia Dom Manoel, por Félix Emile Taunay, e o outro, o velho Forte de Gragoatá e o Pão de Açúcar, por Henri Nicolas Vinet.

**Sala do 1.<sup>o</sup> Reinado** — Em frente à Sala de Jantar e abrigando vários elementos expressivos dêsse período encontra-se a Sala do 1.<sup>o</sup> Reinado.

Chama logo a atenção o grande quadro de François René Moreaux, 1844, representando o Grito do Ipiranga. Debaxo dêste uma das mesas da nossa primeira Constituinte, em 1823, com as respectivas cadeiras. No canto, o busto em bronze do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva. A um lado da sala vê-se uma bela escrivaninha império com as iniciais P.A. (Pedro e Amélia) entrelaçadas, e sôbre ela, o Capacete da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I, com a crina e penacho da época muito bem conservados.

Nesta mesma parede, entre os retratos de D. Pedro I e D.<sup>a</sup> Amélia, o original da primeira idéia de uma condecoração brasileira, a da Imperial Ordem do Cruzeiro, restaurada na República pelo Presidente Vargas, de autoria de Armand Pallière, 1822.

Dois consolos e uma cômoda completam o mobiliário junto às paredes sôbre as quais vêm-se

óleos e gravuras representando D. Pedro I, D<sup>a</sup> Amélia e sua filha, a Princesa Maria Amélia.

No centro da sala u'a mesinha com tampo de pedra redonda apresentando a fase final da Guerra de Troia, em pirogravura, em que Aquiles no seu carro triunfal passa diante dos muros de Troia arrastando a Heitor diante dos habitantes daquela cidade. Sobre esta mesa simbólica o Imperador D. Pedro I, a 7 de abril de 1831 assinou a sua abdicação...

*Gabinete do Príncipe Pedro Augusto* — Tapete Aubusson e as cortinas autênticas, inclusive as armações de bronze, do Paço de São Cristóvão. Uma rica mesa com bronzes, uma biblioteca e várias cadeiras com estofos de couro escuro, completados pelo lustre do mesmo conjunto, dão um aspecto agradável e de bom gosto ao gabinete de estudos do neto predileto de D. Pedro II. Esse filho da Princesa D<sup>a</sup> Leopoldina e Duque de Saxe teve um fim trágico, vindo a morrer num sanatório da Áustria, após longos anos de privação da razão consciente.

*Sala de D. João VI* — Predominam nesta sala as porcelanas que o Príncipe Regente trouxera de Portugal, ostentadas em duas vitrinas. Algumas dessas peças são preciosíssimas. O M.I. tem uma tijelinha e pires de porcelana chinesa, com as armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, presente do Imperador da China a D. João VI. Há poucos dias certo colecionador de louça brasileira do Rio pagou Cr\$ 12.000,000 por um pires somente, bastante restaurado, ao passo que as duas peças do museu estão perfeitas. Há também os famosos serviços de "Companhia das Índias" — "Corças", "Galos", "Pastores" e "Pavões". E os famosos Pássaros "Nast" da fábrica da Duquesa d'Angoulême, de França, além de diversos outros serviços.

Uma interessante mala de despachos, em couro, com pregaria contém uma placa de metal com a inscrição "Rey" encimada pelas armas reais.

Um divan de teca e inscrustações de marfim, com as armas reais, estilo luso-indiano.



*Quarto de dormir da Princesa Isabel, no Museu Imperial*



*Quarto de dormir do Imperador, no Museu Imperial*

Uma escrivaninha império sôbre a qual está um tinteiro de bronze também com as armas reais, e uma cadeira ricamente entalhada, com estofos de damasco encarnado, apresentando ao alto do espaldar as armas reais portuguesas.

O lustre é de cristal de Baccarat em fôrma de coroa real, adaptado para luz elétrica.

Sôbre as paredes alguns quadros representando D. João VI e a Rainha D<sup>a</sup> Carlota Joaquina, além de algumas gravuras.

**Duas Salas das Porcelanãs e Cristais Brazonados** — Em frente às duas salas anteriores encontram-se outras contendo uma das coleções notáveis do Museu Imperial. Na primeira, numa extensa vitrina provisória estão recolhidas e expostas, peças únicas, outras, raras, e tôdas preciosas. Entre serviços de jantar, de chá e café, e comemorativos, há cêrca de 50 tipos diversos, num conjunto de mais de uma centena de peças.

As dos titulares atingem aproximadamente o número de 150 (titulares brasileiros), num total aproximado de 300 peças.

Em relação aos cristais existem cêrca de 23 titulares representados, com pouco mais de uma centena de peças.

Entre as peças expostas vêm-se aparelhos com braços, com iniciais dos títulos e sua respectiva corôa, com iniciais de família e a corôa do título, com iniciais apenas, e sem outra indicação que não a da sua procedência autenticada pelos descendentes.

Tôdas as peças levam uma etiqueta dourada com dizeres em tinta-nanquim, indicando o tipo de porcelana, o título ou títulos do primitivo proprietário da peça, seu nome, e o nome do doador.

Esta coleção hoje em dia vale algumas boas centenas de milhares de cruzeiros dados os preços exorbitantes que atingem no mercado de antiguidades as peças brazonadas e a grande procura que estão tendo da parte de novos colecionadores particulares. O M.I. está de parabens com tão magnífica coleção, adquirida por preços ínfimos em comparação com os atuais.

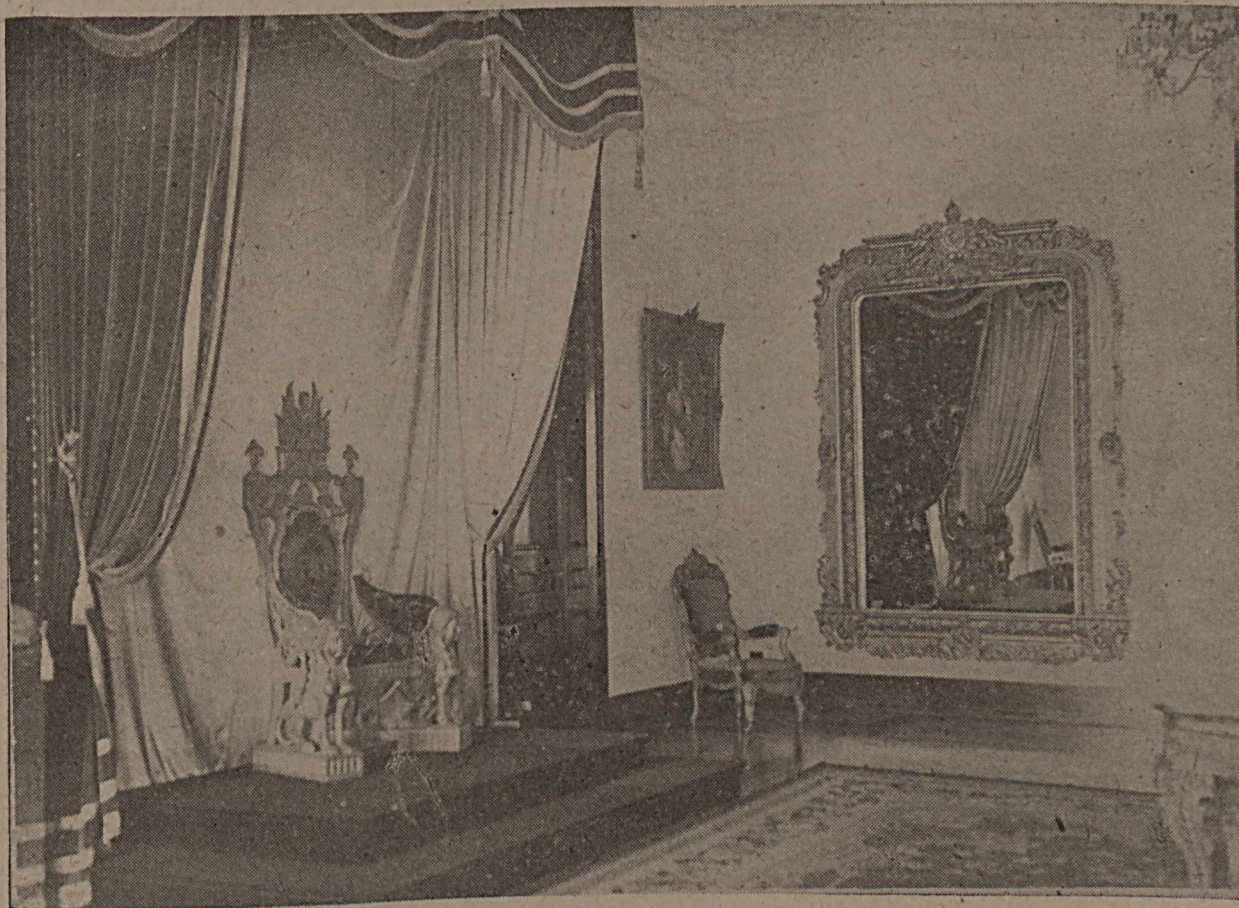
**Salão de Conferências** — Teto belamente trabalhado em estuque, vendo-se liras, pandeiros, e outros

instrumentos. Bastante amplo, com três portas dando para a varanda externa da extremidade do edifício. À esquerda, a janela do meio está coberta por um reposteiro verde com as armas imperiais. À sua esquerda, vê-se um busto em bronze do Imperador adolescente. Uma longa mesa e várias cadeiras ocupam esta extremidade da sala, vendo-se no restante mais de cem poltronas de jacarandá com assento e encosto de palhinha, feitas atualmente sob modelo tão em voga durante o reinado de D. Pedro II, isto é, encosto em medalhão aproximando-se muito do estilo Luís Felipe. Do teto pendem 3 belos lustres com pingentes de cristal.

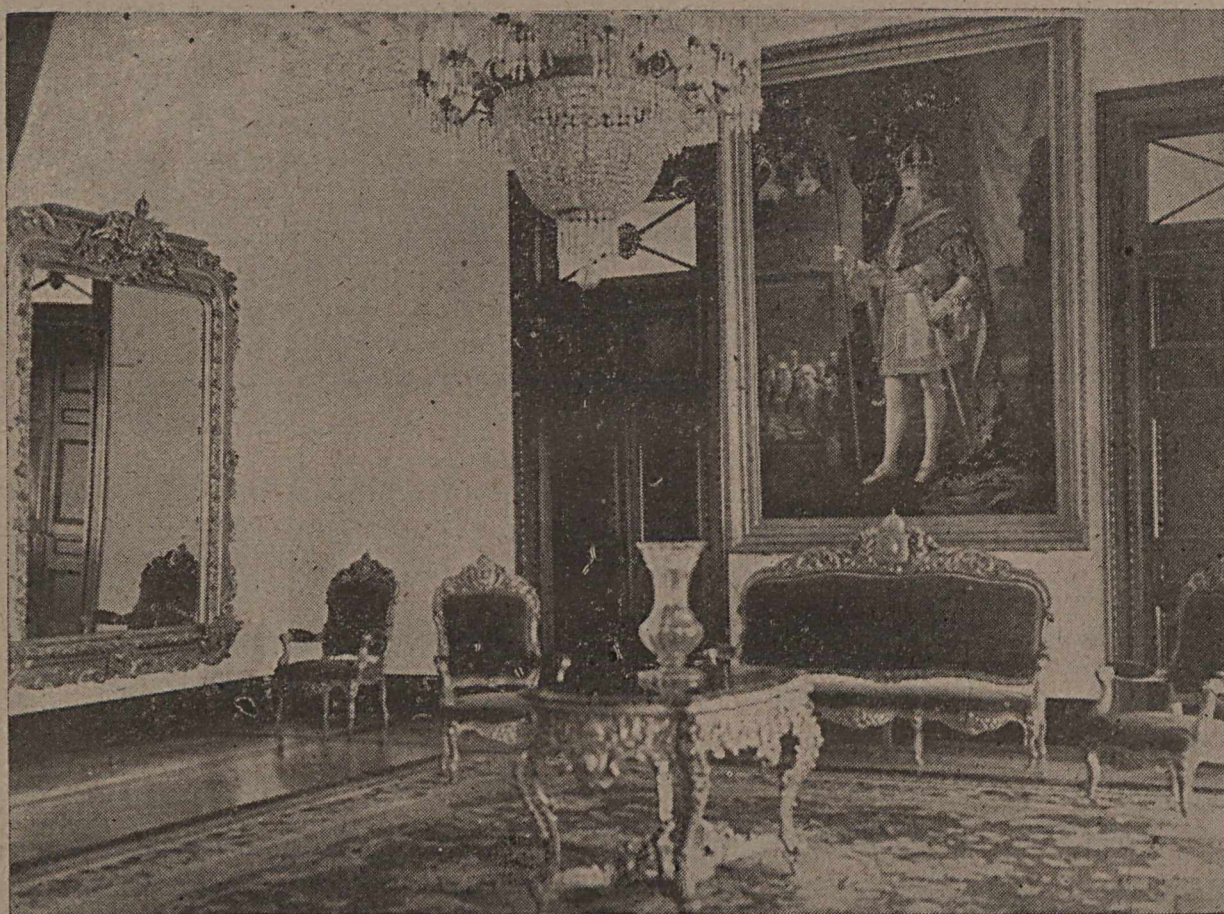
**Corredor** — Voltando pelo corredor fui-me detendo em observá-lo melhor. Vêm-se gravuras e litografias representando vistas do Brasil colonial ou de costumes típicos do Brasil de antanho e membros da Família Imperial. Ao centro, um grande e belo quadro a óleo representando a Princesa D<sup>a</sup> Isabel, assinado: — Irineo, 86. Por baixo está um bonito consolo com tampo de mármore e apliques de bronze, estilo império, com um candelabro de

bronze. Três claraboias se abrem em espaços regulares a meio do corredor, sendo as quatro paredes trabalhadas em estuques. Assim, o corredor está sempre iluminado com a luz natural apesar de estar situado internamente no palácio.

A mesma disposição se observa no corredor da ala esquerda, com as mesmas três claraboias, com o consolo "pendant" do anterior, inclusive o candelabro. Por cima dsête vê-se u'a marinha, de autoria de E. De Martino, representando a fragata francesa La Belle Poule que levou os restos mortais de Napoleão da Ilha de Santa Helena à França e posteriormente serviu ao Príncipe de Joinville, filho do rei Luís Felipe, de França, quando este veio desposar a irmã de D. Pedro II, D<sup>a</sup> Francisca, em 1943. No lado oposto, em outro espaço entre as portas que se abrem sôbre o corredor, outro óleo, de Pedro Péres, representando o Salão do Trono no Paço de São Cristóvão, vendo-se a Família Imperial e grande número de cortesãos, e a Princesa Isabel entregando Cartas de Liberdade a um grupo de escravos.



Salão do trono no Museu Imperial



*Salão do trono, vendo-se o lado oposto ao local*

**Sala Dourada** — Esta, conforme já mencionei aguarda ser inaugurada bravemente. Cortinas e guarnições autênticas do Paço de São Cristóvão, um belo lustre de bronze dourado, um grande tapete Aubusson, sobre um alto pedestal de mármore um rico candelabro que pertencera à Princesa Isabel, um grupo império com ricos apliques de bronze dourado e estofos de damasco de seda verde, de uso do Príncipe Pedro Augusto, um belíssimo cravo dos fins do século XVIII com pintura na parte interna da tampa, fabricado em Lisboa e que devido à sua graça deu origem à lenda de ter pertencido à Marquesa de Santos; duas cadeiras douradas com as armas imperiais esculpidas no encosto, dois consolinhas e u'a mesa, dourados, com tampo de mármore branco, com a sigla P. II, dois candelabros de bronze dourado e uma cabeça de criança em mármore branco de um dos príncipes brasileiros, respectivamente sobre os consolos e a mesa; em outro canto, um rico relógio em bela caixa com incrustações em madeira formando desenhos e apliques de bronze dourado do Conde de Nova

Friburgo; e duas cristaleiras douradas contendo condecorações e miniaturas. Nas paredes, sobre o grupo, um quadro representando o Morro do Castelo, ora demolido, e sobre a mesa e entre as cristaleiras, um rico espelho com moldura dourada.

Esta sala realmente mereceu o nome de Sala Dourada, pois nela resplande o luxo dos ambientes requintados do passado faustoso e rebuscado.

**Sala dos Indumentos** — No fundo do corredor abre-se outra sala de dimensão e disposição idênticas às do Salão de Conferências. Em frente à entrada, numa ampla vitrina está o Manto Imperial, de veludo de algodão verde, todo bordado a fio de ouro — dragões, estrelas, esferas armilares, sigla P. II, e toda a borda trabalhada em ramos de carvalho. Na murça vêm-se as famosas penas de tucano e de galo da serra. Três lustres com pingentes de cristal adornam magnificamente a sala. A um lado, no meio da sala, vê-se uma cadeirinha de armar do século XVIII com bela pintura da época. Do outro lado, u'a mesa de jacarandá, estilo D. João V, sobre a qual se vê o modelo da mão direita de

D. Pedro II, em bronze, tirado por ocasião da declaração de sua maioridade, com pouco menos de 15 anos, e um leque comemorativo do mesmo acontecimento, armado dentro de um estojo especial, visível dos dois lados. Junto às paredes estão duas largas vitrinas, numa das quais está uma notável coleção de leques diversos, usados pelas Imperatrizes do Brasil e damas da nossa nobreza. Há leques de plumas de avestruz, brancas, negras, cinzentas, de marfim, de sândalo, de madre pérola varetas de metal, de papel pintado e assinados, de "pêlo de cisne", de rendas diversas.

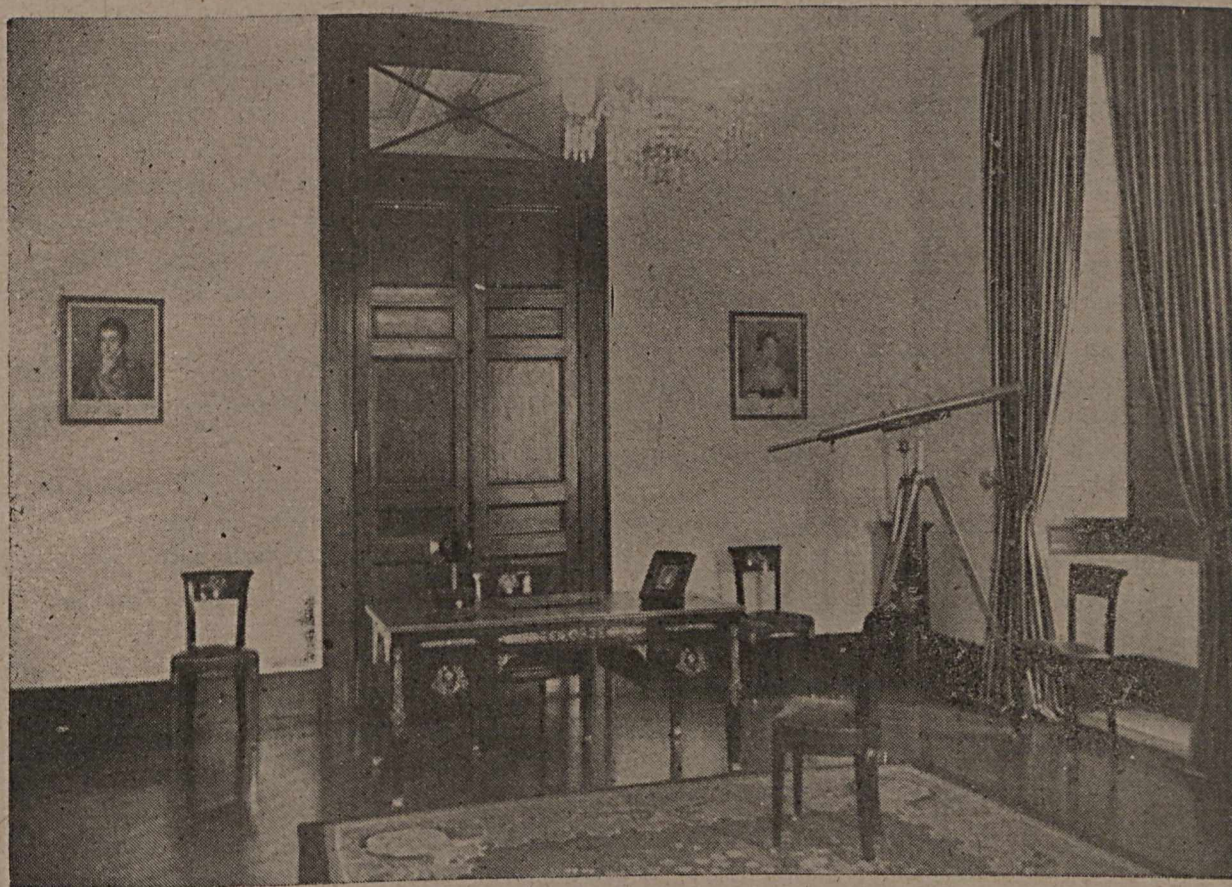
Na outra, estão os leques comemorativos de acontecimentos históricos do Brasil, desde D. João VI até D. Pedro II, preciosos pela sua raridade. Além dos leques, esta vitrina contém roupas diversas usadas no período imperial. Há saias bordadas a fio de prata, grandes pentes "encobre-santo" de tartaruga, com incrustações de ouro e esmaltes, e uma variedade de outros objetos correlatos.

Nas outras paredes, vêm-se vitrinas individuais para fardas. As do Imperador — de Almirante e de General —, de Senador, de Moço Fidalgo, etc.

Por sobre estas vitrinas há uma excelente coleção iconográfica de retratos a óleo de D. Pedro II. A um canto, um grande busto de bronze do Imperador.

— Subindo a bela escadaria que conduz ao sobrado percorri as seguintes salas :

*Sala do Bêrço* — uma pequena saleta em cujo centro, sobre um estrado coberto de veludo grená vê-se um bêrço em forma de concha, todo bem entalhado e ricamente dourado. Foi do Príncipe Dom Pedro Augusto, filho de D<sup>a</sup> Leopoldina e Duque de Saxe, e justifica-se a sua presença aqui visto que foi o neto quem mais conviveu neste palácio com o Imperador. Uma cadeira dourada, tendo as armas imperiais esculpidas no encôsto, completa o conjunto. Nas paredes estão quadros apresentando D. Pedro II quando menino. Um Jean Baptiste Debret mostrando o Príncipe-herdeiro do Trono do Brasil aos dois anos de idade, no colo de uma aia preta; um Félix Emile Taunay, retratando Dom Pedro II aos 12 anos aproximadamente, em uniforme de almirante; um outro quadro de autor desconhecido, apresentando o Imperador adolescen-



*Gabinete de trabalho de D. Pedro II, no Museu Imperial*

te em traje magestático; e um guache de Armand Pallière mostrandó-o aos cinco anos. . .

*Quarto da Princesa Isabel* — Teto em estuque trabalhado, uma cama de solteira, um guarda-vestido, um espelho de pé, uma cômoda, u'a mesinha de cabeceira e algumas cadeiras com corôa imperial e estôfo de Aubusson e um lustre com pingentes de cristal. Na parede, o estudo de Pedro Américo do casamento da Princesa com o Conde D'Eu na Catedral do Rio de Janeiro, um óleo da Princesa, pelo retratista Décio Villares, e um crucifixo por cima da cama.

*Quarto de Costura* — Um bonito grupo de jacarandá com estôfo de veludo grená e no alto do espaldar a inicial T encimada pela corôa imperial, u'a mesinha de costura em xarão oriental com os pertences em marfim, a cadeira de braços e respectiva almofada de damasco amarelo usada por D<sup>a</sup> Teresa Cristina, um guarda vestido e uma cômoda.

*Sala da Capela* — Um rico oratório português, ricamente entalhado contendo a imagem de Santana, sôbre u'a mesa de jacarandá, e duas cadeiras pretas com o espaldar belamente esculpido, com as armas imperiais encimadas pela corôa e ladeadas pelos dragões. Nas paredes estão dois quadros da Capela Imperial do Paço de São Cristóvão e uma estampa colorida, todos com motivos sacros.

O altar desta capela se encontra com a família do Dr. Franklin Sampaio em Petrópolis e há esperanças que um dia êle virá de volta ao seu primitivo lugar completando, assim, em definitivo esta sala.

*Quarto de dormir dos Imperadores* — Teto ricamente trabalhado em estuque, grande tapete Aubusson, um bonito lustre em metal amarelo e cristal, e os móveis adequados: — grande cama de casal tendo na cabeceira e nos pés a sigla P. II encimada pela corôa imperial e ladeada pelos dragões; riquíssima colcha de sêda oriental tôda bordada a mão; um belo crucifixo, duas mesinhas de cabeceira encimadas por lâmpadas, o guarda-roupa, a cômoda e a penteadeira com apliques de bronze dourado, as armas e a corôa imperial, seis poltronas com assento e encôsto de palhinha e o espaldar encimado pelas armas, corôa e dragões imperiais, e uma "chaise-longue".

Na parede um grande quadro de Vinet representando o Hospital D. Pedro II no Rio, onde se

vê o Pão de Açúcar e trecho da Baía de Guanabara; três litografias, uma representando D. Pedro II e D<sup>a</sup> Teresa Cristina, outra a Princesa Isabel e Conde d'Eu, e a terceira a Princesa Leopoldina e o Duque de Saxe.

*Sala do Trono* — O teto mais rico de todo o palácio trabalhado em estuque, um grande tapete Aubusson e um riquíssimo lustre de cristal. Três portas envidraçadas se abrem para um terraço que dá para a frente do parque por cima da entrada principal. À direita, sob um docel restaurado, a cadeira do trono, em madeira dourada entalhada, encimada pelo dragão e com estôfo de veludo verde, vendo-se no espaldar a sigla "P. II. I". À sua direita fica a credência com almofada de veludo verde sôbre a qual descansaria a corôa.

Ao fundo, dois pequenos consolos e espelhos de jacarandá com tampo de mármore branco e as armas, corôa e dragões imperiais esculpturados. Sôbre êles, duas ricas jarras de Sèvres, tendo, numa, o retrato de D. Pedro II e na outra o de D<sup>a</sup> Teresa Cristina, e na parte posterior as armas imperiais daquele e reais desta. Nas paredes do fundo dois grandes espelhos com largas molduras douradas encimadas pelas armas imperiais. Dos lados do trono os retratos do Imperador e Imperatriz, de François René Moreaux e defronte ao mesmo um grande óleo de Pedro Américo, 1872, representando D. Pedro II na "Fala do Trono", ao abrir o Congresso Nacional, no Senado, em traje magestático e ostentando a corôa, o cetro e o manto. Em segundo plano, vê-se o Gabinete Ministerial de 1870 e no camarote reservado à Família Imperial os componentes desta.

No centro do salão, sôbre u'a mesa está um grande e belo vaso de cristal com as armas imperiais.

A mobília que presentemente guarnece esta sala pertence ao Salão de Honra do Senado do Império e irá para a sua própria sala assim que o museu receba o prometido mobiliário da Sala do Trono, em jacarandá, com ricos apliques de bronze dourado e estôfo de Aubusson.

*Ante-Câmara do Gabinete de Trabalho* — Uma penteadeira de quatro faces, estilo império, com apliques de bronze. Nas paredes alguns desenhos e um bico de pena representando Victor Hugo, amigo pessoal de D. Pedro II. Uma escada de ferro, em caracol, leva desta peça à atual Portaria do museu.

*Gabinete de Trabalho do Imperador* — Teto trabalhado em estuque branco, tapete de Aubusson, lustre de cristal, u'a mesa, uma escrivaninha, uma biblioteca, um lavatório, uma cadeira de braços e seis cadeiras com estofos de couro verde escuro, e duas colunas com castiçais, tudo com apliques de bronze dourado, a sigla P. II e as armas imperiais. A um canto, sobre tripé, um grande óculo de alcance. Sobre a mesa, um antigo telefone, provavelmente o primeiro usado no Brasil, pois foi D. Pedro II o primeiro soberano do mundo a falar em telefone, na sua primeira demonstração pública na Exposição de Filadélfia em 1876, tendo, de seu bolso particular, subvencionado a Graham Bell para continuar os seus estudos no assunto.

Nas paredes, um óleo representando a Imperatriz D<sup>a</sup> Teresa Cristina quando moça, vendo-se o Vesúvio em segundo plano, duas gravuras representando D. Pedro I e D.<sup>a</sup> Leopoldina, e outras mais.

*Corredor do Sobrado* — Dois consolos império, com as armas imperiais e outros apliques de bronze dourado e tampa de mármore escuro, dois riquíssimos candelabros de bronze, dois bustos do Imperador, em bronze, e na parede um grande escudo de madeira pintada e esculpura representando os símbolos da nossa monarquia, e dois retratos a óleo de D. Pedro II e D<sup>a</sup> Teresa Cristina, por Armand Berton.

— Chama a atenção a quem percorre o Museu Imperial as suas portas de cedro com metais amarelados da época, excelentemente bem conservados, o seu soalho primitivo da melhor madeira de lei nacional em contraste com o habitual pinho de Riga tão costumeiro em todas as construções da mesma época, as muitas de suas maçanetas de portas ainda sobrevividas aos 48 anos de escola, tendo por dentro as armas imperiais e de elevado preço nas casas de antiguidades.

— Muitas das salas têm cortinas o que lhes dão um ar de ambiente familiar como si o palácio ainda hoje estivesse em uso pelos seus antigos donos. A iluminação das salas e dos corredores onde não há lustres vistosos é feita com luminárias simpáticas do tempo do "bico de gás".

Em tudo transpira o conforto moderno sem em absoluto quebrar o ambiente tradicional do período que representa.

E, ainda na porta, ao deixar o M.I., apresentando os meus agradecimentos ao Dr. Sodré e seus auxiliares pela maneira sincera e a presteza admirável com que me atenderam, tinha a impressão como se deixasse a minha própria casa partindo para uma viagem longa, tal a saudade que senti quanto mais me afastava da casa e do parque que encerram tanta beleza, riqueza, ordem, simpatia e tradição do nosso passado.